

Análise orientada de um excerto de *EURICO*

Recordações

«Era, pois, numa destas noites como a que desceu do céu depois do desbarato dos Hunos; era numa destas noites em que a terra, envolta no seu manto de escuridade, se povoa de terrores incertos; em que o sussurro do pinhal é como um coro de finados, o despenho da corrente como um ameaçar de assassino, o grito da ave nocturna como uma blasfémia do que não crê em Deus.

Nessa noite fria e húmida, arrastado por agonia íntima, vagava eu, às horas mortas, pelos alcantis escavados das ribas do mar, e enxergava ao longe o vulto negro das águas balouçando-se no abismo que o Senhor lhes deu para perpétua morada.

Por cima da minha cabeça, passava o norte agudo. Eu amo o sopro do vento, como o rugido do mar:

Porque o vento e o oceano são as duas únicas expressões sublimes do Verbo de Deus, escritas na face da Terra quando ainda ela se chamava o caos.

Depois é que surgiu o homem e a podridão, a árvore e o verme, a bonina e o emurchecer.

E o vento e o mar viram nascer o género humano, crescer a selva, florescer a Primavera; - e passaram e sorriram-se.

E, depois, viram as gerações reclinadas nos campos do sepulcro, as árvores derribadas no fundo dos vales, secas e carcomidas, as flores pendidas e murchas pelos raios do sol do Estio; - e passaram e sorriram-se.

Que tinham eles, de feito, com essas existências, mais passageiras e incertas que as correntezas de um e que as ondas buliçosas do outro?»

Eurico, O Presbítero, Capítulo IV

É este, também, um excerto muito significativo do período romântico a que pertence e do seu autor, Herculano, como veremos da análise cuidada que vamos fazer.

O título justifica-se pelo emprego da forma verbal «era» com que o autor inicia as duas referências epocais, mantendo-se a forma do imperfeito, enquanto o texto nos oferece essa evocação do passado (analepse).

A partir do terceiro parágrafo. o autor abandona a sua intenção inicial e espraia-se em considerações pessoais sugeridas pela paisagem em que se

Integram as suas «recordações». Passa momentaneamente para o tempo presente, empregando, no segundo período do terceiro parágrafo e no parágrafo seguinte, os verbos no presente. Depois, até ao fim, todas as formas verbais são de passado e traduzem o descontentamento de Herculano perante o mundo em que vive, um mundo que ele sente todo feito de destruição.

Esta segunda parte do texto, tão cheia de subjectivismo do seu autor, termina com um período interrogativo bem significativo da mordacidade de Herculano transposta animicamente para o vento e para o oceano.

O texto está predominantemente construído em períodos curtos, ritmados, terminando, em geral, por expressões que traduzem o climax do pensamento central de cada um deles. Os parágrafos são, com excepção do terceiro, constituídos por um período só, cada um dos quais se liga intimamente ao anterior numa identidade evidente como o processo da ata-finda da poética trovadoresca. Esta distribuição do pensamento do autor permite-nos descobrir o sabor poético da sua prosa cadenciada e o tom salmódico, todo feito de lamentações, de desesperança, de inconformismo e de abandono na sua epopeia em prosa e, mais particularmente, nesta primeira parte de o *Eurico*. Há mesmo ressonâncias de rima interna (penúltimo parágrafo):

«reclinadas... *derribadas; carcomidas, pendidas*»; e, antes: «*nascer, crescer, florescer*» a ressoar a palavra «*emurhecer*» do parágrafo anterior, marcando uma gradação de sentido ao serviço do tema da mudança.

Este trecho caracteriza bem a sua prosa e diz-nos muito da corrente literária em que se integra o seu autor. A sua prosa cuidada, significativa, concretizante do seu pensamento, tem aqui exemplificação rica.

A figura de Eurico, tão cheia de transposições do *eu* do autor, o seu pensamento, o seu comportamento, empolgam qualquer leitor que nela encontra como que uma fotocópia do próprio Herculano. Como romântico que é, faz-se viver, em muitos aspectos, nessa figura transcendental que nos apresenta.

No primeiro parágrafo, note-se a construção em frases paralelas nas duas primeiras, entre si, e, na segunda, com as seguintes. Notem-se as comparações que nos apresenta cada elemento desse paralelismo, transposta para o fim aquela que, para o autor, tinha um significado mais intensivo.

Em cada uma destas frases, atente-se no sabor romântico da primeira comparação. Os Hunos, chefiados por Átila, considerado o «flagelo dos deuses», deixaram atrás deles um abismo de ruínas e um sulco de desolação. Imagine-se, pois, como seria a noite aqui evocada, partindo dessa comparação tão hiperbólica! As comparações seguintes estão todas marcadas pela nota romântica que domina o texto. A acção situa-se na noite e esta é uma noite silenciosa, de um silêncio todo feito de *nada* em que a natureza animizada é comparada a elementos terríficos: o «sussurro do pinhal é... um coro de finados»; o «despenho da torrente»... «um ameaçar de assassino», o «grito da ave nocturna»... «uma blasfémia».

No parágrafo seguinte, continua a evocação. Como em todo o excerto, atente-se na propriedade e na sugestão dos adjectivos: a noite era *fria* e *húmida*, como frio era o seu próprio ambiente psicológico, a que faltava o calor de um coração amigo. Por isso a sua «*agonia* era *íntima*», só com ele. Aqui observe-se a aliteração: três vezes o *i*, que tão bem se ajusta ao seu estado psicológico, traduzindo como que um grito de desespero, informa-nos sobre o momento da acção e sobre o lugar que evoca e deixa-nos adivinhar o seu estado psicológico, que as divagações seguintes tão bem justificam. Neste parágrafo, observe-se o tom vago, indefinido, tanto ao gosto dos românticos, traduzido nas expressões: «*vagava eu*» – «às *horas mortas pelos alcantis*» e *enxergava ao longe*, o *vulto negro*; especialmente no emprego dos imperfeitos, das preposições, do advérbio e do par *vulto negro*. Por outro lado, todo o vocabulário deste parágrafo serve primorosamente aos objectivos do seu autor, ao evocar essa noite terrível, com todo o seu cortejo de angústias, em lugar tão solitário e tão arrepiante. O seu estado era agónico, a paisagem era agreste e ameaçadora, pelos alcantis escavados e à vista do vulto negro das águas abissais. E até nesta última imagem, note-se a visão horrífica das águas do oceano condenadas a uma *perpétua* morada e atente-se nos sons fechados da expressão *vulto negro*, numa harmonia imitativa com os *u* com que se amedrontam as crianças.

Todo o texto tem o adjetivo posposto ao substantivo, como se tornou característica da nossa sintaxe à medida que se foi libertando da influência latina. Mas neste período, o adjetivo foi construído em anástrofe para que terminasse o parágrafo numa palavra grave em que o som longo *a* como que traduz uma sensação de espanto, além de aumentar, deste modo, a cadência rítmica do período, que lhe vem, quer dessa transposição e da que se nota em *vagava eu*, quer do emprego de frases curtas (cada uma delas formando um todo ideológico), quer, também, do predomínio de palavras graves com a sílaba tónica em *a*, por isso mais longa, quer, ainda, do emprego de sons nasais, particularmente rítmicos, ondulatórios, em «enxergava ao longe» e «balouçando-se».

No 3º parágrafo, o autor completa a panorâmica esboçada. Para que esse quadro, criado propositadamente para tal estado psicológico, ficasse completo, faltava o vento. E o vento era o *norte agudo*, por isso mais concordante com a agressividade do lugar e com o choque psicológico que a personagem sofria.

Neste momento param as evocações do autor. A lembrança do vento leva-o às divagações tão características da escola. Eurico corta as suas «recordações» e divaga para dar lugar ao pensamento de Herculano.

Os dois últimos elementos do cenário tomam vulto porque, tal como se apresentam, servem os objectivos do autor. Observe-se a antítese deste segundo período entre os substantivos *sopro* e *rugido*, marcada intencionalmente pelo autor, quando diz: «*amo... como*» – o que parece uma contradição, mas não é, assim explicará, em seguida, numa afirmação que, por outro lado, bem confirma a nota de religiosidade de Herculano tal como se revela nas suas poesias.

Esta ligação com Deus, tão cheia de sublimidade, conduz o autor a uma sequência de considerações que traduzem o extravasar de uma alma ansiosa, desolada com o mundo. Esses pensamentos encadeiam-se nos três parágrafos sucessivos, ligando-se o segundo e o terceiro pelo síndeto: «E o vento...» «E, depois...». No primeiro desses parágrafos, numa visão pessimista do mundo, o autor desintegra do *caos* o homem, a árvore e a bonina, apresentando estes três elementos em frases paralelas assindeticamente ligadas, marcando cada uma delas uma antítese sugestiva construída com o síndeto. Estas três frases têm sentido gradativo crescente, no segundo membro, e decrescente, no primeiro, o que se confirma no desenvolvimento posteriormente feito nos parágrafos a seguir. É nos períodos seguintes que essa intenção se torna clara.

No antepenúltimo parágrafo a construção em frases paralelas mantém-se e a sua ligação assindética como que precipita as considerações do autor nessa construção: «e passaram e sorriram-se», que se repete, à maneira de um refrão, no parágrafo seguinte, traduzindo, de certo modo, uma atitude bem subjectiva. Nessa transposição animizante que o autor nela faz, note-se um reflexo da ironia amarga do próprio Herculano manifestada no sorriso trocista dos dois elementos. Registe-se, ainda, neste parágrafo, a construção em assimetria. O período começa e acaba por dois membros que se iniciam e se ligam sindeticamente: «E o vento e o mar... e passaram e sorriram-se».

No penúltimo parágrafo, o pensamento do anterior alarga-se, contendo as conclusões que se ajustam paralelamente. O processo anímico mantém-se. E o que é mais significativo neste parágrafo é o climax da concepção pessimista do mundo, todo feito de destruição, que caracteriza a personalidade de Herculano e que se afirmou progressivamente, à medida que o seu pensamento se fundiu com o de Eurico.

O texto termina com um período interrogativo que encerra uma bela animização, atribuindo ao vento e ao mar uma indiferença que tão bem traduz a ironia do próprio autor, nessas frases de sentido comparativo.

Herculano, o pensador, assim reproduzido na pessoa de Eurico, dá-nos, pois, neste trecho, tão cheio, por isso, de subjectivismo, uma bela página de prosa ritmada, com a propriedade de linguagem e a gravidade de estilo que o caracterizam. Como poeta-filósofo que é, da observação da natureza parte para comentários filosóficos sobre a efemeridade da vida e a fragilidade do homem. E tudo o que dissemos serve admiravelmente, quer para definir o homem introspectivo, fechado, rígido, quer para definir a corrente literária em que tão bem se integra, pelo seu temperamento e pela época em que viveu, e que propiciou a sua apreciável e apreciada realização.

Falámos já do hibridismo da novela, característica romântica praticada no drama, por exemplo, onde o sublime da tragédia alterna com o grotesco da comédia. A esse respeito recordamos o prefácio do *Cromwell* de Vitor Hugo.

Ora, também no Eurico, ele é evidente pois a novela começa com capítulos saborosamente poéticos onde o lirismo é nota dominante, e, sem perder esse cariz literário, quer com as cartas, quer com a narração, assume a feição de crónica. Como sabemos, o próprio Herculano não oferece uma classificação literária dessa «Crónica-poema, lenda ou o quer que seja do presbítero godo».

Parece-nos que o texto presente é uma afirmação do hibridismo romântico, pois poesia, comentários, referências históricas estão imbricadas no texto comentado.